

Museu Nacional em tempos de pandemia: estudo netnográfico das *lives* no *Instagram*

The National Museum at pandemic's period: netnographic study of the lives on Instagram

Júlia Beatriz Andrade Silveira

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ
julia__beatriz@hotmail.com

Marcelo Borges Rocha

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ
rochamarcelo36@yahoo.com.br

Resumo

Museus de ciências realizam diversas atividades educativas para diferentes tipos de público, proporcionando experiências científicas e culturais inseridas no cotidiano da sociedade. Em 2020 com a pandemia da COVID-19, as tecnologias de informação auxiliaram no prosseguimento dessas atividades, visto que o isolamento social provocou o fechamento temporário dessas instituições. Com as redes sociais sendo grandes facilitadoras de conexões e interações, instituições de Divulgação Científica (DC) vêm aderindo às redes e realizando atividades virtuais. Na pandemia, tais ações se intensificaram para manter a proximidade com o público. Assim, este estudo buscou analisar as atividades virtuais de DC do Museu Nacional (MN), realizadas no *Instagram* durante a pandemia. Foram analisadas cinco *lives* da série provedora de debates sobre ciência e pesquisa “Museu Nacional Live”. Com os resultados, pudemos refletir sobre os impactos da COVID-19 nas práticas museais e constatar que as *lives* auxiliaram no acesso da sociedade à DC do MN.

Palavras chave: divulgação científica, museu nacional, netnografia, *instagram*.

Abstract

Science museums carry out several educational activities for different types of audiences, providing scientific and cultural experiences insert in the daily life of society. In 2020 with the pandemic of COVID-19, information technologies helped to continue these activities, as social isolation caused the temporary closure of these institutions. With the social medias being great facilitators of connections and interactions, Scientific Dissemination (SD) institutions have been joining the networks and carrying out virtual activities. During the pandemic, such actions were intensified to maintain proximity to the public. This study focused on the virtual activities of SD of the National Museum (NM), carried out on Instagram during the pandemic. Five lives from the series providing debates on science and research “National Museum Live” were analyzed. With the results, we were able to reflect on the impacts of COVID-19 in the museums practices and to verify that the lives assisted the society to access the SD of the NM.

Key words: scientific dissemination, national museum, netnography, instagram.

Introdução

A cultura da divulgação do conhecimento científico expandiu-se progressivamente no Brasil, principalmente devido ao crescimento dos Museus de Ciências (MOREIRA; MASSARANI, 2002). Essas experiências vivenciadas fora do ambiente escolar, através do desenvolvimento de políticas e estratégias pedagógicas que auxiliam na construção de conhecimento, remetem-se a uma educação não formal (GOHN, 2005). Esta educação traz em sua prática formas distintas de discursar sobre cultura, diversidade, natureza, entre outros temas.

Os Museus de Ciências, por exemplo, são instituições que realizam ações para diferentes tipos de públicos, proporcionando experiências científicas, culturais e inseridas no cotidiano da sociedade (PSCHEIDT E LORENZETTI, 2020). Eles precisam organizar suas atividades de forma que o público seja atraído pelos assuntos logo na primeira visita, pois não há como prever quando o público retornará ao espaço (JACOBUCCI, 2008).

Massarani *et al.* (2019) afirmam que esses espaços de interface entre ciência e sociedade apresentam objetivos variados de educação, informação, lazer e cultura. Além disso, o uso de diferentes recursos, tecnologias, estratégias e técnicas expositivas ajudam a criar uma relação entre a exposição e o visitante, auxiliando na Divulgação Científica (DC)

Entendendo o potencial dos espaços não formais para a DC, é importante entender este conceito, que segundo Bueno (1995, p. 1421) é "um processo de recodificação, isto é, a transposição de uma linguagem especializada para uma linguagem não especializada, com objetivo de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência". Assim, a DC auxilia o público na compreensão do conhecimento científico e tecnológico expostos nesses espaços. Apesar deste potencial, Massarani *et al.* (2019) inferem que a maioria dos jovens não costuma frequentá-los, mesmo possuindo interesse em temas científicos. Nesse sentido, as tecnologias digitais de informação e comunicação, muito utilizadas por esse tipo de público, podem auxiliar nessa aproximação. Seu desenvolvimento e o da comunicação mediada por computadores teve um impacto relevante no museu e na sua relação com os públicos virtuais, propondo uma redefinição do conceito de museu e do objeto museal (BOYS; BODDINGTON, 2014).

Com a pandemia da COVID-19, essas tecnologias auxiliaram no prosseguimento de atividades abertas ao público, visto que o isolamento social provocou o fechamento temporário das instituições. Assim, a pandemia fez com que os museus reavaliassem suas formas de comunicação com o público, aderindo, em maior escala, ao ambiente virtual. Com isso, apesar da impossibilidade das visitas presenciais, as instituições se reinventaram para que suas atividades não parassem.

Ressalta-se que, diante desse cenário, os museus tiveram a oportunidade de repensar sua missão, visão e impacto, descobrindo como se tornar mais relevantes para diversos públicos e responder às demandas da sociedade (DECATUR, 2020). Assim, torna-se necessário pensar sobre as estratégias educativas de DC dos Museus de Ciências em tempos de pandemia.

O presente estudo teve como objetivo analisar as atividades de DC virtuais realizadas durante o isolamento social, do maior museu de Antropologia e História Natural da América Latina, o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Por ser o

primeiro museu do país, criado em 1818, e um dos mais antigos em ações ligadas a DC, o Museu Nacional (MN) foi a instituição selecionada para este estudo. Localizado em São Cristóvão, o MN é tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional por se tratar de um museu repleto de conteúdos e espécimes científicos, culturais e históricos. Com um rico acervo mineralógico, etnográfico, zoológico e botânico desde 1822, ele vem se dedicando à função educativa e acesso ao conhecimento pela sociedade.

O museu recebia visitas escolares durante todo o ano, porém em 2 de setembro de 2018, um incêndio destruiu grande parte do acervo e o Palácio. Um ano e meio depois, chegou ao Brasil a pandemia da COVID-19, sendo mais um obstáculo para a instituição. Mesmo assim, o MN prosseguiu com suas atividades de DC por meio de um ambiente *online*.

Mas porque aderir ao ambiente *online*? Segundo o Relatório Global Digital de 2018, das companhias *online Hootsuite* e *We Are Social*, cerca de 4 bilhões de pessoas têm acesso à internet diariamente, possibilitando uma teia de informações sendo produzidas, postadas e divulgadas a todo tempo. Acompanhando esse avanço, surgem as mídias sociais, facilitadoras de conexões onde pessoas do mundo todo interagem, podendo publicar, compartilhar e visualizar informações. E não somente pessoas físicas as compõem, visto que empresas, jornais, revistas, instituições públicas e privadas estão cedendo ao poder das mídias sociais para divulgar seu trabalho. Araújo (2015, p. 97) completa: “O fato é, mesmo os cientistas e pesquisadores não estando presentes no ambiente *online*, suas pesquisas estão, seja por meio das revistas eletrônicas, ou das bases de dados e repositórios”.

Não distante disso, espaços não formais também têm aderido às mídias sociais, principalmente a de grande ascensão no momento: *Instagram*. Essa mídia social é um evento considerado recente na história da Internet, sendo os estudos sobre as práticas nele adotadas relevantes para agregar conhecimento alusivo ao aplicativo e à natureza de suas interações (DE LIRA & ARAUJO, 2015). Com isso, a informação científica tem estado presente nas redes de informação e novas tecnologias. Assim, um levantamento netnográfico foi realizado no perfil do *Instagram* do MN durante um período da pandemia.

Metodologia

Entendendo que tecnologias digitais se tornaram parte intrínseca do dia a dia da sociedade, conectadas a existência social, trazendo uma série de transformações, torna-se importante o uso de uma metodologia qualitativa com o objetivo de estudar culturas e comunidades, por meio da observação de comunicações mediadas pelo computador (KOZINETS, 2014).

Dessa forma, adotamos a netnografia como metodologia para o estudo. Segundo Kozinets (2014), ela tem seus princípios no método etnográfico. No entanto, a netnografia possui um caráter qualitativo com a atenção para o estudo de práticas, interações, usos e apropriações de meios por comunidades do universo especificamente virtual. Assim, ela configura-se como um conjunto de procedimentos *online* definidos por um fundo epistemológico, adaptado para incluir a influência da internet sobre a sociedade moderna e com foco no coletivo. Seus procedimentos incluem planejamento, entrada, coleta de dados, interpretação e adesão a padrões éticos.

Apoiando-se nestes pressupostos, foi realizada uma análise da série denominada “Museu Nacional Live”, recentemente criada pelo MN. A série surgiu no cenário de pandemia para promover o debate sobre ciência e pesquisa e abordar temas que sejam de relevância sobre o futuro da instituição, sendo uma forma de divulgar ciência para a sociedade sem sair

de casa. Trata-se de “palestras *online*”, denominadas *lives*, possuindo até 60 minutos de duração e com a presença de convidados especiais. Foram consideradas as atividades no período de 16 de abril, aviso do início da série, a 2 de junho, data da última *live*. A coleta de dados ocorreu em agosto de 2020. A análise seguiu três tópicos: ocorrência das *lives*; relevância dos temas abordados; e adesão do público, a partir do número de visualizações, comentários e engajamento geral dos *posts* envolvidos.

Resultados e Discussão

Foram analisadas cinco *lives* mediadas pelos setores de Comunicação e Eventos e Assessoria de imprensa do MN. Como resultado da análise do primeiro tópico, constatou-se inicialmente que todas as *lives* foram realizadas no mesmo dia da semana, terças-feiras, e no mesmo horário, às 11 horas da manhã. Nas três primeiras semanas da série, a ocorrência das *lives* foi de uma por semana, ocorrendo nos dias 21 e 28 de abril e 5 de maio. Posteriormente, foi observado uma pausa de uma semana, não ocorrendo no dia 12 de maio, voltando no dia 19 de maio. Essa situação se repetiu na semana seguinte, havendo outra pausa de uma semana, ocorrendo a última *live* da série em 2 de junho. Em ambas as pausas, não foram visualizadas justificativas na página do MN. Entretanto, em maio, o MN estava se preparando para seu aniversário, comemorado no início de junho, pela primeira vez no formato *online*. Este fato possivelmente explica a necessidade das pausas.

Os resultados dos tópicos “relevância dos temas abordados” e “adesão do público” serão apresentados por cada *live* realizada, visto que são temáticas diferentes.

Iniciando pela análise da relevância dos temas abordados, a primeira *live*, realizada no dia 21 de abril de 2020, possuiu a temática intitulada de “Lições da Antártida: um bate-papo sobre ciência em um ambiente de isolamento social” e trazia uma conversa com Juliana Sayão, Paleontóloga do MN e coordenadora adjunta do projeto “Paleontar” (projeto que estuda fósseis de vertebrados na Antártica). Além dela, contou com Maurício Reis, Gestor Ambiental do “SaúdeAntar”, que estuda a dimensão humana no continente gelado, visando compreender as manifestações psíquicas que ocorrem nas condições de isolamento na região. A temática abordou a experiência de realizar um trabalho de pesquisa em um ambiente de completo isolamento social e sob condições climáticas adversas como a Antártida, visto que, Juliana esteve quatro vezes no continente e Maurício foi pela primeira vez para realizar pesquisas no projeto citado.

Além de abordarem o continente e a história sobre a evolução do nosso planeta, os pesquisadores contaram algumas lições dessa experiência e como podemos trazê-las para o nosso dia a dia e, em especial, no momento de afastamento social por conta da COVID-19. Bordin (2012) relata que a motivação para pesquisadores realizarem estudos na Antártida, é devido às consequências ambientais que a região pode sofrer com as mudanças climáticas. A grande quantidade de gases e substâncias poluentes que são lançadas na atmosfera terrestre todos os dias, provenientes de atividades humanas, é preocupante, sendo de extrema relevância a realização e divulgação dessas pesquisas.

Seguindo para o terceiro tópico “adesão do público” referente à primeira *live*, após o seu término, foi postado o vídeo completo de 59 minutos no perfil do MN no *Instagram*. Isto possibilitou que as pessoas que não viram no momento *online*, tivessem acesso ao conteúdo. Até o momento da coleta de dados, o vídeo postado tinha 1.522 visualizações, não contando com as visualizações *online* no momento da *live* - vistas somente pelo administrador da página. Além disso, contou com nove comentários de seguidores, elogiando a atividade.

Antes da realização das *lives*, o perfil postou uma imagem de divulgação, cinco dias antes. Cada publicação consistia em um pôster (Figura 1) com informações de título, data, horário e convidados. O pôster também trazia uma legenda com os assuntos que seriam abordados dentro da temática principal e a definição do que é a série “Museu Nacional Live”. O primeiro teve 171 curtidas, assim podemos afirmar que pelo menos 171 pessoas tiveram acesso ao conteúdo e se interessaram pela temática abordada.

Figura 1: Pôster de divulgação de cada *live*.



Fonte: autores.

Além do pôster, algumas *lives* contaram com a publicação de um vídeo de chamada para seus seguidores. Para a primeira, o vídeo, de menos de 30 segundos, teve 889 visualizações e contou com a presença de um dos convidados especiais que chamou o público para assistir.

Esse tipo de divulgação pré-atividade, auxilia no engajamento da página, chamando uma maior audiência, principalmente para atividades *online*. De Lira & Araújo (2015) definem engajamento como a mensuração de ações que envolvam interação, influência e relevância, como por exemplo as curtidas, comentários e menções que são realizadas no *Instagram*. Uma mídia social é compreendida como uma união de dois elementos principais: atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões (RECUERO, 2014). Essas conexões são estreitadas através de interação entre elas, e é nesse ponto que entra duas ferramentas de engajamento citadas anteriormente: as curtidas e os comentários. Ou seja, quanto maior a quantidade de curtidas e comentários em uma publicação, maior será o nível de engajamento (DE LIRA & ARAÚJO, 2015). Dessa forma, é relevante analisar a adesão do público principalmente quando falamos de atividades de DC, as quais almejam atingir uma audiência vasta para disseminar informações científicas e tecnológicas que interferem na sociedade.

Seguindo a análise do tópico “relevância dos temas abordados” da segunda *live*, dia 28 de abril, a temática intitulada de “Gestão de uma instituição de ciência e pesquisa em tempos de pandemia” foi especial. A *live* contou com a participação do diretor do MN, Alexander Kellner, apresentando um panorama sobre a reconstrução do palácio após o incêndio de 2018

e discutindo os desafios que a instituição vem enfrentado na continuidade de suas atividades no cenário de isolamento social.

Esse retorno feito pelo diretor do MN é muito importante para a sociedade. Havendo esse compartilhamento de informações, ela se mantém inserida na reestruturação dessa instituição produtora e divulgadora de ciência há tantos anos.

Cândido *et al.* (2019) trazem à tona a falta de investimentos e manutenção no MN. Por ser um agravante que preocupa toda a equipe da instituição, faz-se cobrança de políticas públicas específicas para museus universitários e para coleções universitárias não institucionalizadas. A sociedade vêm demonstrando preocupações e apoio com isso, graças a esse contato com o diretor, que também ocorre com colunas semanais do perfil do *Instagram*.

No tópico de “adesão do público” para esta segunda *live*, o vídeo de 45 minutos postado após a realização, obteve 1.252 visualizações e quatro comentários. A publicação com o pôster de divulgação obteve 281 curtidas e o vídeo de chamada teve 816 visualizações. Além disso, em todas as publicações foi solicitado aos seguidores que pensassem em perguntas para enviar durante a *live* para o diretor responder sobre a trajetória do MN.

Em relação ao tópico “relevância dos temas abordados” para a terceira *live* realizada no dia 5 de maio e intitulada de “Projeto Coral Vivo: conservação e sustentabilidade socioambiental em pauta”, a temática traz um conteúdo rico em informações e reflexões. A *live* contou com a participação de Débora Pires, bióloga, pesquisadora do MN por 40 anos, fundadora e coordenadora do Projeto Coral Vivo. Esse projeto nasceu no MN e é realizado por 14 universidades e instituições de pesquisa, com patrocínio da Petrobras (PROJETO CORAL VIVO, 2020).

O bate-papo com a pesquisadora abordou temas como conservação e sustentabilidade socioambiental dos recifes de coral e ambientes coralíneos do Brasil, visto que mais de 18 milhões de pessoas no Brasil dependem desses ecossistemas. Essa temática traz reflexões importantes sobre consequências de impactos antrópicos como o derramamento de óleo no litoral do Nordeste em 2019. Essa atividade mostra a importância dos recifes de coral para a biodiversidade, além de valorizar o trabalho do projeto, o qual anseia promover a sustentabilidade socioambiental, priorizando a participação para o controle social e o exercício da cidadania. Dessa forma, atividades com essas características aliadas à educação ambiental possuem um caráter transformador e emancipador (LOUREIRO, 2004).

No resultado do tópico de “adesão do público” dessa terceira *live*, obtivemos 1.538 visualizações e dez comentários no vídeo de 50 minutos postado no perfil do MN após a realização. Esta não apresentou vídeo de chamada, apenas a publicação de pôster de divulgação, que alcançou 190 curtidas.

A penúltima *live* “Resgate de acervos: desafios e conquistas”, dia 19 de maio, contou com a Cláudia Carvalho, coordenadora da equipe de resgate de acervos. Desde o resgate do crânio de Luzia, a equipe formada pelos mais diversos profissionais do Museu ganhou esperança e coordenou a retirada de milhares de toneladas de escombros, inclusive, realizou duas exposições com parte do material resgatado (no Centro Cultural do Banco do Brasil - CCBB e Museu de Astronomia). Além disso, fez empréstimo de peças, formou um núcleo de conservação de acervo e segue para a etapa final de trabalho no palácio. Sendo assim, Cláudia abordou sobre as dificuldades e desafios desse trabalho de resgate, mas também das conquistas alcançadas até o momento. No bate-papo, ela também pontuou sobre as etapas do resgate: retirada, conservação, restauração e a DC.

Segundo Cândido *et al.* (2019), através das exposições realizadas, foi possível tornar público parte dos resultados do trabalho de resgate realizado pela equipe formada por 60 pesquisadores. Os autores trazem que, dos itens encontrados em meio aos escombros, 103 foram selecionados para compor a exposição do CCBB, além de outros objetos emprestados, doados ou que não estavam no local no momento do incêndio. Além disso, peças não recuperadas são igualmente relevantes, pois também representam história, do próprio incêndio, contextualizada na exposição como meio de anunciar a continuidade do museu.

Como resultado do tópico de “adesão do público” dessa quarta *live*, o vídeo completo de 50 minutos postado após sua realização, obteve 1.423 visualizações e 8 comentários. Essa *live* contou com o pôster de divulgação com 202 curtidas e com o vídeo chamada, com a participação da própria Cláudia e 868 visualizações.

A quinta *live*, dia 2 de junho, trouxe o título de “Meninas com Ciência”, referente ao projeto do MN de mesmo nome. Em relação a análise do tópico de “relevância dos temas abordados”, o bate-papo foi com Luciana Witovisk, uma das coordenadoras do projeto de inclusão de mulheres no meio científico. O projeto Mulheres com Ciência, criado em 2017, ocorre duas vezes por ano, com exceção ao ano de 2020 devido a pandemia. Com o objetivo incentivar a curiosidade e o pensar científico entre as jovens alunas do Ensino Fundamental II, demonstra que a Ciência no Brasil também é feita por mulheres. Além de ensinar sobre diferentes áreas da pesquisa em ciências, também traz um viés de representatividade, pois todas as práticas são promovidas por mulheres pesquisadoras do MN, mostrando às alunas uma possibilidade de ingresso em uma carreira científica no futuro. Segundo Olinto (2011), a formação acadêmica e o ingresso das mulheres na carreira científica são essenciais para a diminuição das diferenças entre homens e mulheres principalmente no mercado de trabalho.

No último resultado, referente a “adesão do público” desta quinta *live*, o vídeo completo de 40 minutos postado após sua realização, obteve 1.184 visualizações e 6 comentários. Assim como a terceira, a *live* não apresentou vídeo de chamada, apresentando apenas o pôster de divulgação que teve 280 curtidas.

Considerações finais

É notável a reestruturação do MN como instituição produtora e divulgadora de ciência, visto que, mesmo em cenário de pandemia, encontra-se realizando atividades de DC em ambiente virtual. A série “Museu Nacional Live” é um retrato dessa reestruturação e demonstra o papel do Museu como espaço não formal durante o isolamento social, trazendo diferentes temas científicos para a sociedade.

A transição do ambiente presencial para o ambiente virtual não significa uma substituição. A integração dos meios virtuais e reais pode e deve ser uma realidade futura principalmente quando se fala de tornar a ciência mais acessível a um público leigo. E, o surgimento e expansão das *lives* auxiliou significativamente na ampliação de acesso à DC promovida pela instituição.

Agradecimentos e apoio

A toda equipe do Laboratório de Divulgação Científica e Ensino de Ciências (LABDEC), especialmente meu orientador, por todo apoio nas minhas pesquisas. À CAPES pelo auxílio e financiamento não só meu, mas de milhares de estudantes brasileiros

apaixonados pelas ciências.

Referências

- ARAÚJO, R. F. Mídias sociais e comunicação científica: análise alométrica em artigos de periódicos da ciência da informação. **Em Questão** 21, no. 1: 96-109, 2015.
- BORDIN, L. G. Jornalismo científico e ambiental no continente antártico: uma proposta jornalística à luz da educação ambiental. **Revista Monografias Ambientais**, 5, no. 5 (2012): 940-951.
- BOYS, J.; BODDINGTON, A. Museums and higher education working together: Challenges and opportunities. **Farnham: Ashgate**, 2014.
- BUENO, W. C. Jornalismo científico: conceitos e funções. **Ciência e Cultura**. São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, vol. 37, n. p. 1420-1427. (1995).
- CÂNDIDO, M. M. D., MENDES, D. T., ANDRADE, R. S. G. D., & ROSA, M. M. O destino das coisas e o Museu Nacional. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, 1, 1, 5-17, 2019.
- DECATUR, R. Reimagining. *Informal Learning Review. A Publication of Informal Learning Experiences*. **ILR Special Issue**, 2020.
- DE LIRA, Á. L. L., & ARAÚJO, E. G. D. Instagram: do clique da câmera ao clique do consumidor. In **/Intercom–XVII Congresso de Ciências da Comunicação na região Nordeste**, Natal, 2015.
- GOHN, M.G. **Educação Não-Formal e Cultura Política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, 7.1, 2008.
- KOZINETS, R.V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Penso Editora, 2014.
- LOUREIRO, C. F. B. **Educação ambiental transformadora**. Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 65-84, 2004.
- LIMA, W. **Mídias sociais conectadas e social machines**. In: Para entender as mídias sociais. BRAMBILLA, Ana (Org.), 2011.
- MASSARANI, L.; CASTELFRANCHI, Y.; FAGUNDES, V.; MOREIRA, I.; MENDES, I. O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia? **Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT)**. 2019. Disponível em: http://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/Resumo%20executivo%20survey%20jovens_FINAL.pdf
- MOREIRA, I. D. C., MASSARANI, L. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: **Casa da Ciência–Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ**, p. 44-64. 2002.
- OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**. Brasília, DF, v. 5, n. 1, p. 68-77, 2011.
- PROJETO CORAL VIVO**. Disponível em: <http://coralvivo.org.br/>, acesso em 30 de agosto de 2020.

PSCHEIDT, C; LORENZETTI, L. Contribuições de um curso de formação continuada para a promoção da alfabetização científica de docentes no Museu da Terra e da Vida. **Alexandria**, 13, n.1, 155-180, 2020.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 114-124, maio/ago, 2014.